

**COMUNIDADES INTENCIONAIS NO RURAL DO RIO GRANDE DO SUL:
MAPEAMENTO PRELIMINAR
*INTENTIONAL COMMUNITIES IN RURAL OF RIO GRANDE DO SUL:
PRELIMINARY MAPPING¹***

**José Marcos Froehlich, Doutor em Ciências Sociais, UFSM,
jmarcos.froehlich@gmail.com**

Jeniffer Hübner, doutoranda em Ciências Sociais, UFSM, hubnerjeniffer@gmail.com

Layanne Sarti, graduanda em Ciências Sociais, UFSM, layanne.sarti@acad.ufsm.br

**Luiza de Albuquerque Leite Vieira, doutoranda em Ciências Sociais, UFSM,
dealbuquerque.lu@gmail.com**

Grupo de Trabalho (GT): <<GT4. Questão ambiental, agroecologia e sustentabilidade>>

Resumo

Nas últimas décadas, comunidades intencionais têm se destacado como espaços promissores para criação de estratégias sustentáveis frente aos atuais desafios climáticos. O objetivo deste trabalho consiste em apresentar um mapeamento preliminar destas comunidades situadas em territórios rurais no Rio Grande do Sul, a partir de uma imersão exploratória em documentos digitais e análise de conteúdo. O mapeamento identificou até o presente momento 16 experiências ativas que mencionam em suas auto-expressões digitais uma diversidade de práticas articuladas por um ideal comum de busca da sustentabilidade. Essa diversidade cultural e epistêmica é central para a discussão da sustentabilidade, pois suas manifestações constituem o que se entende por pluriverso, em que diferentes formas de se relacionar com o meio ambiente coexistem e se enriquecem mutuamente, criando espaços ecléticos de resistência que desafiam os padrões de produção e consumo convencionais e hegemônicos.

Palavras-chave: Comunidades intencionais. Ecovilas. Territórios Rurais. Sustentabilidade. Pluriverso.

Abstract

In recent decades, intentional communities have emerged as promising spaces for developing sustainable strategies in response to current climate challenges. This study aims to present a preliminary mapping of these communities located in rural territories in Rio Grande do Sul, based on an exploratory immersion in digital documents and content analysis. The mapping has so far identified 14 active experiences that, in their digital self-expressions, mention a diversity of practices articulated around a common ideal of pursuing sustainability. This cultural and epistemic diversity is central to the discussion of sustainability, as its manifestations constitute what is understood as a pluriverse, where different ways of relating to the environment coexist and mutually enrich each other. These eclectic spaces of resistance challenge conventional and hegemonic patterns of production and consumption.

Keywords: Intentional communities. Ecovillages. Rural Territories. Sustainability. Pluriverse.

1. Introdução

Atualmente as mudanças climáticas são parte de uma crise mais ampla de sobrecarga ecológica, na qual o consumo humano excede a capacidade de regeneração da Terra (Ripple et al., 2024). As alternativas de superação dos desafios climáticos desvelam a interconexão entre cultura e natureza, reconhecendo que a crise ambiental atual é profundamente enraizada em

¹ Este trabalho contou com auxílio da Fundação CAPES e do Programa PIBIC-CNPq;

um sistema hegemônico de produção e consumo, alimentado por uma cosmovisão e cosmopraxis — uma maneira de estar no mundo — ecologicamente nociva e humanamente degradante. Trata-se, portanto, de uma crise civilizatória, cuja resolução não pode limitar-se à mera adoção de técnicas ecologicamente sustentáveis, incluindo também uma dimensão cultural fundamental (Agrawal, 2005; Danowski; Viveiros de Castro, 2014; Calzadilla, 2024).

Nesse contexto marcado por crises ecológicas e sociais cada vez mais acentuadas, os discursos sobre a transição para outra sociedade ou outro modelo civilizacional emergem de forma cada vez mais inevitável. A maior parte dos discursos de transição são atravessados por questões ecológicas, dado que são motivados e respondem às crises inter-relacionadas de energia, alimentação, clima e pobreza. Para Escobar (2010; 2016), nas últimas décadas a presença deste debate foi se intensificando, emergindo de uma multiplicidade de lugares, principalmente de movimentos sociais em todo o mundo, de algumas ONGs da sociedade civil, de alguns paradigmas científicos emergentes e de intelectuais com ligações significativas às lutas ambientais e culturais. Em termos gerais, referem-se a busca pela transição de um modelo cultural que prevaleceu no Ocidente durante os últimos séculos: o modelo de “crescimento industrial”, um modo de vida centrado sobre o consumo, com as suas ideologias reinantes de materialismo, capitalismo de mercado e progresso. Dessa maneira, para Escobar, a transição envolve passar da compreensão moderna do mundo como um universo para o mundo como um pluriverso (sem universais pré-existent)s².

Nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 1990, as comunidades intencionais, também chamadas de comunidades alternativas e ecovilas, podem ser elencadas como espaços estratégicos para a produção de discursos de transição. Essas comunidades são consideradas potenciais alternativas capazes de articular dimensões ecológicas, socioeconômicas e culturais da sustentabilidade. Fundamentadas em valores de cooperação, solidariedade e baixo impacto ambiental, elas operam como microcosmos de resistência às práticas hegemônicas, mobilizando saberes tradicionais e inovações sustentáveis (Froehlich e Medeiros, 2023). Com base nisso, neste estudo buscamos realizar um mapeamento preliminar de comunidades intencionais situadas em territórios rurais do estado do Rio Grande do Sul, por meio de uma imersão exploratória em documentos digitais e análise de conteúdo, visando compreender a produção de discursos de transição promovidos por essas comunidades.

2. Discursos de transição, desenhos ontológicos e pluriverso

O debate proposto se baseia na perspectiva teórica de Arturo Escobar, enfocando os conceitos interligados de discursos de transição, desenho ontológico e pluriverso. Este último, reconhece a coexistência e inter-relação das várias maneiras de projetar e habitar o mundo, valorizando estilos de vida que respeitam a natureza e promovem mudanças culturais e epistêmicas. O pluriverso se relaciona com o princípio orientador da dimensão cultural da sustentabilidade, a saber, a diversidade cultural e epistêmica, que remetem às diferentes visões de mundo, formas de viver e conhecer (Fonseca et al, 2022). Essa dimensão, embora reflita práticas distintas em cada comunidade, expressa a ideia comum de que uma relação outra com a natureza, presente na ideia da sustentabilidade, é necessária para a busca pelo (auto)conhecimento, mudança de valores, sensibilização e ampliação dos níveis de consciência socioambiental.

² O pluriverso se baseia em pressupostos ontológicos nos quais todos os seres existem sempre em relação, e não como “objetos” ou indivíduos. Portanto, o mundo é um movimento incessante, uma rede em constante mudança de inter-relações entre seres humanos e não-humanos.

A reflexão de Escobar sobre o conceito de pluriverso está relacionada à concepção de desenho ontológico, criada em meados da década de 1980, proposto inicialmente por Terry Winograd e Fernando Flores. Este conceito sugere que o design enquanto ato de projetar é um ato de criar formas de ser e existir no mundo. O desenho ontológico propõe que ao criarmos ferramentas, objetos e sistemas, estamos, ao mesmo tempo, moldando a realidade e as formas de vida. Assim, essa noção que tem sido pouco desenvolvida, segundo Escobar, surge da observação que ferramentas de design (objetos, estruturas, políticas, sistemas, discursos, narrativas) estão criando modos de ser e também condições da existência.

Na obra "Autonomía y Diseño" (2016), Escobar reimagina o papel do design como uma força capaz de fomentar a autonomia e criação de mundos diversos, em vez de reforçar as estruturas de poder dominantes e práticas insustentáveis. O livro apresenta o design como uma prática cultural e política que tem o potencial de moldar modos de vida e relações sociais, pois o autor compreende que a estrutura ontológica do design é composta por inter-relações entre a ferramenta, o usuário e a tarefa ou propósito, todos reunidos através da interface. Dessa maneira, cada ferramenta e tecnologia é ontológica no sentido de que, por mais humilde ou insignificante que seja, inaugura uma série de rituais, modos de fazer e modos de ser.

Existe, portanto, uma ideia chave que se refere ao duplo movimento do desenho ontológico - a consciência de que projetamos nosso mundo e que, ao mesmo tempo, o mundo nos projeta. Outra forma de chegar à dimensão ontológica do design é abordar a questão mais ampla de como uma sociedade engendra invenções cuja existência altera a referida sociedade. Um exemplo disso, foram as transformações em um conjunto de práticas diárias e a abertura de possibilidades sem precedentes que ocorreram após a chegada da internet, das tecnologias digitais, celulares, televisão e automóveis, etc. A partir da compreensão de que existe uma relação entre design e cultura (criação de significados e práticas culturais, design da experiência e de modos de vida particulares), Escobar busca compreender se surgiu uma nova cultura de design. Para isso, dá especial atenção a trabalhos que imaginam um novo papel social do design, que questionam a base cultural e filosófica da qual emerge a prática do design (modernidade capitalista patriarcal).

Dessa forma, o autor propõe uma crítica ao modelo de design dominante, que frequentemente apoia as estruturas de poder existentes e perpetua práticas insustentáveis, para pensar o design do ponto de vista ontológico ou político-ontológico, como uma prática intrinsecamente política e cultural, que tem o potencial de influenciar e moldar as formas de vida e as relações sociais. Atualmente como resultado do 'desenvolvimento' e ante a realidade de um mundo transformado pela mudança climática, os seres humanos enfrentam a necessidade de participar de outro tipo de projeto de afastamento das estruturas de insustentabilidade que mantém a ontologia de devastação dominante - busca do progresso sem fim e na promessa de um mundo incessantemente 'melhor'.

Tendo isso em vista, a concepção de desenho ontológico oferece um novo entendimento do papel do design na sociedade, partindo do pressuposto de que ele gera inevitavelmente estruturas de possibilidades humanas. O problema do design moderno, no entanto, é que estruturou a insustentabilidade como forma dominante de ser. Por isso, a abordagem do desenho ontológico está na base da proposta dos discursos de transição que abordam perspectivas de transição para uma nova era de sustentabilidade, como meio de pensar e contribuir para a transição da hegemonia da ontologia moderna, de um mundo único para um pluriverso de configurações socioambientais.

Escobar argumenta que essa abordagem é essencial para a transição de um mundo dominado por uma única visão ontológica (a ontologia moderna) para um "pluriverso" — um mundo onde múltiplas realidades coexistem e são respeitadas. Contudo, qualquer visão para a

transição tem um desafio frontal à formação onto-epistêmica enclavada na forma dominante da modernidade capitalista. Neste contexto, projetos para o pluriverso se tornam ferramentas para reimaginar e reconstruir mundos locais através das conexões entre as ‘transições’ (civilizadoras, paradigmáticas, de época) e o design.

A partir dessa compreensão, o surgimento dos projetos para o pluriverso e dos discursos de transição enfatizam que as crises ecológicas e sociais contemporâneas são inseparáveis do modelo de vida social que se tornou dominante nos últimos séculos, categorizado como industrialismo, capitalismo, modernidade, (neo)liberalismo, antropocentrismo, racionalismo, patriarcado, entre outros. Escobar analisou as visões sobre as transições culturais e ecológicas dos movimentos sociais e intelectuais, no Norte e Sul Global, que pressupõem possíveis medidas para se afastar do “modelo civilizacional” de modernização e desenvolvimento globalizado. No Norte Global indicou como principais pautas o decrescimento, os bens comuns, o convívio e uma variedade de iniciativas de transição na dimensão prática. No Sul, destacou os debates e lutas atuais pelo Bem-Viver, direitos da natureza, lógicas comunitárias e transições civilizacionais, observadas em alguns países latino-americanos.

Os discursos para a transição visam promover uma profunda transformação cultural, econômica e política das instituições e das práticas dominantes, propondo ir além dos limites institucionais e epistêmicos existentes, para lutar por mundos e práticas capazes de alcançar transformações significativas. O argumento é que esses imaginários de transição, que postulam a necessidade de transformações radicais nos modelos dominantes de vida e de economia, poderiam constituir o quadro mais apropriado para uma reformulação ontológica do design. Partindo da ideia de que ao tornar visíveis os efeitos danosos dos modelos dominantes da vida social (por exemplo, individualismo, mercado, capitalismo, consumo, separação da natureza), conduz-se à necessidade de transformar a cultura e a economia, muitas vezes em conjunto com as comunidades nos quais os regimes do indivíduo, a separação e o mercado ainda não ocuparam a vida socioambiental por completo.

Os discursos de transição ligam aspectos que permaneceram separados nos imaginários anteriores de transformação social: culturais, políticos, econômicos, ecológicos e espirituais. Ao mudar as formas como esses âmbitos foram concebidos e implementados, incluindo sua separação, o discurso de transição (DT) adquire um caráter ontológico. Para Escobar, as críticas ao capitalismo, à mudança cultural, à espiritualidade e à ecologia estão entrelaçadas nos diagnósticos dos problemas e nas maneiras de seguir em frente. Uma “ecologia de transformação” é vista como o caminho para contrariar a devastação do capitalismo global e para construir manifestações de múltiplas vontades coletivas que mostram a convicção de que outros mundos são possíveis. Nesse sentido, a proposta dos discursos de transição coloca em primeiro plano o contexto político-cultural em que emerge uma prática de design pluriversal, como uma possibilidade tangível e como algo mais do que um produto de imaginação intelectual. Nesse âmbito, o design orientado ontologicamente é, necessariamente, reflexivo e político, pois envolve um discurso filosófico sobre o ser – sobre o que podemos fazer e como uma nova estrutura de possibilidades pode ser gerada através do surgimento de novas ferramentas e interfaces. A comunalização³, o bem-viver, a busca pela autonomia, justiça ecológica, diversidade biológica e cultural, e a procura de modelos não extrativos da economia e da vida social são guias dos imaginários e objetivos tangíveis para avançar nos caminhos da transição (Escobar, 2016).

³ A comunalização, também chamada de realização do Comunal por Escobar, indica as práticas comunitárias e os saberes locais que propõe um modelo de desenvolvimento alternativo baseado na colaboração, na autonomia local e na valorização da diversidade cultural e ecológica.

3. Metodologia

Na fase inicial deste estudo realizamos uma imersão exploratória em documentos digitais relacionados a comunidades intencionais e ecovilas localizadas em territórios rurais do Rio Grande do Sul. A identificação baseou-se em uma busca exploratória em documentos digitais a partir dos indicadores 'comunidades intencionais' e 'ecovilas', combinada com a utilização dessas palavras-chave (acrescidas de 'Rio Grande do Sul') no Google. Os critérios adotados para a identificação, localização e seleção dessas iniciativas foram a presença em territórios rurais com foco central na promoção da sustentabilidade. Esse processo incluiu mapeamentos prévios, como os realizados pela Rede CASA Brasil⁴, que serviram de referência inicial para a identificação de algumas dessas comunidades. Os procedimentos exploratórios de identificação partiram do conteúdo presente nos próprios documentos analisados, para formulação de indicadores, tais quais temas presentes e que apareceram com mais frequência, bem como os indícios da organização social das comunidades intencionais identificadas.

Buscamos essas iniciativas através da estratégia denominada perambulação, na qual o tipo de presença em campo (virtual) se caracteriza pela busca de hashtags que funcionam como marcadores para os temas que se deseja investigar. Dessa forma, a abordagem etnográfica desdobra-se de maneira a permitir que o pesquisador observe panoramicamente os diversos discursos existentes nos circuitos digitais. Essa estratégia decorre não só dos objetivos da pesquisa (mapeamento preliminar dessas comunidades), como da lógica estruturante das próprias plataformas e o tipo de socialidade que engendram. Nesta etapa, as redes sociais utilizadas foram Instagram e Facebook, cujos modos de uso (também) demandam uma 'sensibilidade etnográfica transeunte, entre idas e vindas, percorrendo caminhos em meio à multidão de imagens e mensagens' (Leitão & Gomes, 2018). As hashtags operam como elementos conectivos dentro das redes sociais, facilitando o acesso às publicações que compartilham os mesmos marcadores.

Posteriormente, a perambulação por esses ambientes digitais tomou outro sentido. A exploração em sites, notícias e reportagens foi realizada com o propósito de identificar as narrativas e valores das comunidades intencionais e ecovilas, para isso, o foco passou a ser os discursos promovidos, bem como práticas e técnicas. Os parâmetros de seleção dos documentos foram elaborados seguindo os critérios da análise documental e de conteúdo, de credibilidade, representatividade, e sobretudo, pertinência e convergência aos objetivos da pesquisa (Cellard, 2008; Bardin, 2011). Assim, a busca se deu de maneira mais direta, orientada pelo comportamento dessas comunidades online e a partir dos dados divulgados e informações presentes no interior dos perfis e sites próprios.

A análise de conteúdo busca compreender o que está por trás da mensagem, desocultando o conteúdo latente e não aparente. Por isso, na análise dos documentos, buscamos perceber a significação fornecida pela mensagem e os temas-eixos presentes nas afirmações e frases dos membros ou emissores. A análise do conteúdo das páginas online voltou-se para a mensagem contida nesses documentos, os valores, universo simbólico, suas práticas, ideias, valor informacional dessas mensagens, ou seja, quem são os sujeitos que veiculam essas mensagens, quais discursos estão sendo promovidos nesses espaços digitais e com que propósitos. Também levamos em consideração os critérios de codificação da presença, frequência ou intensidade, a regularidade quantitativa de aparição, quanto mais um determinado tema apareceu tanto mais significativo se tornou na análise.

⁴ REDE CASA BRASIL. Assentamentos Humanos Sustentáveis. Disponível em: <https://www.redecasabrasil.org/assentamentos-sustentaveis>. Acesso em: 22 fev. 2025.

Em razão disso, dividimos o conteúdo em duas categorias principais: **Narrativas e Valores e Práticas e Técnicas**. A primeira categoria abrange os princípios ecológicos que giram em torno de um conceito central — a sustentabilidade e a vida alternativa — e reúne todos os elementos relacionados às mensagens e ideais promovidos pelas comunidades intencionais e ecovilas, com foco nos valores e crenças compartilhadas. A segunda categoria, refere-se às ações e práticas concretas que essas comunidades realizam com base nos seus valores. Nesse sentido, esta categoria destaca os elementos presentes nessas comunidades, tais como as técnicas ecológicas específicas (agroecologia, bioconstrução, biodinâmica, etc.) e as práticas culturais, espirituais ou educativas (meditação, oficinas pedagógicas, eventos culturais, entre outras).

4. Resultados e discussões

A pesquisa identificou a documentação virtual de 16 comunidades intencionais ativas voltadas à promoção da sustentabilidade situadas em territórios rurais do estado do Rio Grande do Sul. Não fica claro quais dessas comunidades abandonaram o propósito comunitário original para se dedicar exclusivamente a serviços de ecoturismo, consultoria, cursos, entre outros, uma vez que nem todas indicam de forma explícita a possibilidade de adesão de novos membros. Mesmo as que mantêm a abordagem comunitária frequentemente diversificam suas atividades, oferecendo capacitação em técnicas ecológicas ou disponibilizando seus espaços para eventos, serviços de hotelaria e comercialização de produtos artesanais. Isso revela um modelo híbrido que visa garantir a viabilidade financeira dessas comunidades.

Esse cenário aponta para o grau variado de abertura das comunidades em relação ao mundo externo. Enquanto algumas promovem programas de trabalho voluntário e criam oportunidades para a integração de novos membros, evidenciando uma postura mais receptiva, outras adotam uma abordagem mais seletiva e introspectiva, restringindo o voluntariado e desconsiderando processos de admissão.

Cabe ressaltar aqui a efemeridade dessas iniciativas e a dificuldade de se estabelecerem de forma consistente. Muitas comunidades identificadas em mapeamentos prévios, mesmo os mais recentes, não estão presentes em acervos digitais além dos mencionados, e seus registros esparsos e desatualizados indicam que suas atividades podem ter sido interrompidas.

No decorrer da pesquisa, a análise detalhada revelou-se especialmente desafiadora devido à falta de projeção de algumas ecovilas na esfera digital, o que gerou disparidades na profundidade da investigação em algumas comunidades. A escassez de informações disponíveis online limita o acesso a dados essenciais que poderiam expandir a compreensão sobre a situação atual dessas comunidades, bem como de seus princípios, atividades e funcionamento interno. Assim torna-se difícil determinar se algumas dessas ecovilas foram descontinuadas ou se passaram por transformações substanciais em sua organização e propósito.

NOME	ENDEREÇO DIGITAL	MUNICÍPIO
Sítio Amoreza	https://linktr.ee/sitioamoreza https://www.instagram.com/sitioamoreza	Morro Redondo

Instituto Arca Verde	https://www.instagram.com/institutoarcaverde https://www.facebook.com/institutoarcaverde	São Francisco de Paula
Sítio Bandeira Branca	https://www.instagram.com/bandeirabrancasitio https://www.facebook.com/bandeirabrancasitio https://www.sitiobandeirabrancacom.br	Maquiné
Sítio Bocatu	https://www.instagram.com/sitiobotucatu https://www.sitiobotucatu.com	Sinimbu
Instituto Ambiental Daterra de Permacultura e Sustentabilidade	http://www.ambientaldaterra.com.br	Estância Velha
Ecosítio Oremã	https://www.instagram.com/ecositioorema https://www.facebook.com/ecositioorema/?locale=pt_BR https://www.ecositioorema.com.br	Caraá
Recanto da Mata	https://www.instagram.com/recantodamatamaquine https://www.facebook.com/p/Recanto-da-MataMaquiné https://www.recantodamata.com.br	Maquiné

Rincão Gaia	https://www.instagram.com/rincaogaia	Rio Pardo
Seliana Permacultura	https://www.instagram.com/selianapermacultura	Nova Petrópolis
Estação de Permacultura Jerivá	https://www.instagram.com/ejeriva https://www.facebook.com/ejeriva	Agudo
Associação Ecológica Portal do Sol	https://www.facebook.com/AssociacaoEcologicaPortalDoSol/?locale=pt_BR	São Francisco de Paula
Sítio Libélula	https://www.instagram.com/sitiolibelula https://www.facebook.com/sitiolibelula	Rolante
Respiro das Flores	https://www.instagram.com/respirodasflores	Santa Maria do Herval
Ecosítio Nova Terra	https://sitionovatterra.wordpress.com/	Maquiné
Território Junana	https://www.instagram.com/territoriojunana/ https://junana.redelivre.org.br/ https://www.facebook.com/territoriojunana/	Maquiné
Comunidade Pé do Arco-Íris	https://www.facebook.com/pedoarcoiris/ https://www.instagram.com/	Maquiné

	pedoarcoiris?igsh=MXhtazRrdDhmd3Y4eA== https://agroecologiaemrede.org.br/experiencia/pe-do-arco-iris/	
--	--	--

FONTE: @s Autor@s, pesquisa em ambiente digital

Os valores que estruturam a vida dessas comunidades puderam ser inferidos a partir das narrativas expressas nas legendas de posts, biografias no Instagram e nas citações presentes nos sites oficiais. Unidos pelo princípio da sustentabilidade, esses valores apontam para o resgate da conexão com os ciclos vitais da terra e o fortalecimento do sentimento de pertencimento à natureza:

"A natureza mostra o caminho, e o amor conduz." (Sítio Amoreza, disponível em <https://www.instagram.com/sitioamoreza>)

"[...]Celebramos os 16 anos de Arca Verde agradecendo o dom da vida e a capacidade humana de viver em simbiose com a natureza em seu entorno, que é a nossa casa, que é o ventre onde gera soberania, acolhimento e abundância para todas as criaturas. Agradecemos à Mãe Terra que todos os dias nos nutre, nos sustenta e nos impressiona com seu esplendor; e agradecemos a cada pessoa que ajudou a tecer a nossa história neste espaço[...]" (Instituto Arca Verde, 3 nov. 2021, disponível em: <https://www.instagram.com/institutoarcaverde/reel/CV0-aYqFovN/>)

"O Sítio Bandeira Branca é uma Escola de Sustentabilidade com o propósito de oferecer os aprendizados necessários para os novos tempos, promovendo uma relação harmônica consigo mesmo, com os outros e com a Natureza[...]" (Sítio Bandeira Branca, disponível em: <https://www.sitiobandeirabranca.com.br/>)

"[...]Temos o objetivo de atuar pela melhoria da qualidade de vida, saúde e educação da população, proteção e conservação dos recursos naturais e culturais, pelo desenvolvimento socioambiental, tecnológico e sustentável[...]" (Instituto Ambiental Daterra de Permacultura e Sustentabilidade, disponível em: <http://www.ambientaldaterra.com.br/>)

"Sonhado por Diogo e Michele, como um espaço para viver em conexão com a natureza e ser uma escola de Mindfulness e Permacultura, tornou-se uma realidade em 2015. Agora, queremos compartilhar esse sonho com você[...]" (Ecosítio Oremã, disponível em: <https://www.ecositioorema.com.br/>)

"[...]Em sua trajetória, a Pousada conseguiu unir arte e cuidado ambiental e assim criar um novo segmento e conceito de turismo, direcionado a hóspedes que percebem o conforto como um convite a refletir sobre modos mais harmônicos de habitar e se relacionar com o mundo[...]" (Recanto da Mata, disponível em: <https://www.recantodamata.com.br/>)

"Natureza é vida. Todos os seres humanos necessitam sentir essa vida pulsante, no caminhar sobre a grama; ao tocar as texturas das folhinhas das árvores; ao observar uma pequena joaninha fazendo seu trabalho no equilíbrio ecológico; ao sentir os aromas das flores [...]" (Estação de Permacultura Jerivá, disponível em: https://www.instagram.com/ejeriva/p/DAYlHbZJqU/?img_index=1)

"Bom dia para a galera que adora plantar, colher e sentir. Sentir a terra, os aromas, o vento, o sol, a água. Sentir prazer ao colher frutinhas direto do pé. Sentir alegria ao contemplar uma joaninha em um girassol. A essa galera, que planta árvores por teimosia, que cultiva flores por devoção às abelhas, que cuida da água por reverência à vida, que respeita cada ser vivo pelo simples direito de (co)existir nessa imensidão de Planeta, muito obrigada!" (Estação de Permacultura Jerivá, disponível em: https://www.instagram.com/p/C_7xw_YphUL/?locale=ne_NP&hl=af&img_index=1)

"Hundertwasser vê a natureza como a única força criativa de importância superior em que o homem é dependente. Temos que negociar um contrato de paz com a natureza e viver em harmonia com as leis da natureza", fala Hundertwasser em seus manifestos e textos sobre a natureza e proteção ambiental. (Ecosítio Nova Terra, disponível em: <https://sitionovatterra.wordpress.com/>)

"Design de Permacultura pode ser pensado como um processo de administração de mudanças. Pode começar com um foco em fatores externos de natureza física e biológica, mas se volta cada vez mais para um processo de transformação pessoal." (Ecosítio Nova Terra, disponível em: <https://sitionovatterra.wordpress.com/>)

Ao analisar essas citações, é possível perceber a complementaridade entre as relações sociais e ambientais. Na qual, se por um lado, os valores comunitários apontam para a formação de laços mais profundos entre as pessoas, por outro, a proximidade e o envolvimento emocional – fundamento dos valores ecológicos – se estendem para as relações com os seres não humanos. Nesse contexto, há um ponto de interconexão entre natureza e cultura, pensado nos termos de uma integração entre os seres humanos e o ambiente do qual emergem. As narrativas pautadas na sustentabilidade sugerem que uma nova relação com a natureza é fundamental para o autoconhecimento, a mudança de valores, a sensibilização e a ampliação da consciência.

A dimensão cultural da sustentabilidade, conforme Fonseca et al. (2022), envolve a preocupação com a proximidade e a conexão profunda com os ciclos vitais da natureza, o que pode ser interpretado como uma parte integrante dos discursos de transição. Tais discursos buscam uma reconfiguração das práticas e paradigmas existentes, ao integrar de maneira holística aspectos culturais, políticos, econômicos, ecológicos e espirituais da sustentabilidade.

A mensagem subjacente nas reflexões apresentadas promovem discursos de transição na medida em que sugere que transformações radicais são necessárias não apenas no âmbito dos modelos dominantes de vida e das práticas vigentes, mas também de seus fundamentos ontológicos e epistêmicos, postulando assim uma mudança em nível subjetivo que repercuta na maneira como o indivíduo percebe e se relaciona com a natureza.

Essa dimensão, embora faça convergir todas essas experiências em uma natureza anti-hegemônica comum, orientada pela ideia de sustentabilidade, também orienta-se no sentido de destacar a importância da diversidade cultural e epistêmica, incluindo as diversas formas de ver o mundo, viver e conhecer. Do que decorre que cada comunidade reflita práticas distintas, representando projetos que criam mundos locais diversos e plurais (Escobar, 2018). O objetivo implica em certificar-se que cada comunidade mantenha sua autonomia, preservando as diferenças culturais, ecológicas e sociais.

Foi possível identificar as práticas culturais e técnicas ecológicas a partir dos serviços apresentados nos sites oficiais das comunidades. Como mencionado anteriormente, a maioria das comunidades listadas inserem sua vivência comunitária no mercado de serviços, o que aponta para uma necessidade constante de adaptação às exigências de viabilidade econômica. Assim, a maior parte das práticas e técnicas — sejam elas culturais ou ecológicas — descritas

aqui se configuram também como serviços oferecidos por meio de cursos, eventos, oficinas, entre outros.

Isso justifica o imbricamento da categoria de análise 'Práticas e Técnicas', na qual se articulam atividades pedagógicas, ecológicas e culturais. Mesmo as práticas voltadas para o manejo técnico dos recursos naturais configuram-se como parte de um projeto de educação ambiental, promovido através de cursos e oficinas.

As práticas ecológicas observadas desafiam os padrões tradicionais de produção e consumo, englobando um conjunto diversificado de abordagens, como manejo agroflorestal, bioconstrução, práticas permaculturais⁵, jardins funcionais, sistemas de biotratamento de efluentes, paisagismo ecológico e funcional, coleta de sementes de florestas nativas e apicultura. Essas atividades não apenas promovem a sustentabilidade, como revelam uma preocupação por reconfigurar a relação entre seres humanos e a natureza.

Além das práticas ecológicas, foi possível identificar uma rica diversidade de manifestações espirituais e culturais. Entre elas, destacam-se retiros espirituais, consultas ayurvédicas, oficinas de escrita criativa, rodas de conversa sobre astrologia, oficinas de arquearia, cursos de cutelaria, plantas medicinais, meditação, terapias holísticas, cerâmica e geotinta.

Essa gama de empreendimentos acabam por criar espaços ecléticos que funcionam como microcosmos de alternativas ao modelo dominante. Essa diversidade cultural e epistêmica é central para a discussão da sustentabilidade, pois suas manifestações constituem o que se entende por pluriverso, no sentido proposto por Arturo Escobar, em que diferentes formas de se relacionar com o meio ambiente coexistem e se enriquecem mutuamente. Dessa forma, as inovações comunitárias propostas nas ecovilas contribuem para construção de uma tapeçaria global de alternativas aos modos de vida em crise. A noção de pluriverso é central porque, ao articularem saberes e práticas em escala local, promovem um diálogo intercultural que fundamenta-se na alteridade. O que, se forem apoiadas por políticas públicas e alianças amplas, contribui para o seu potencial catalisador de mudanças sistêmicas necessárias (Fonseca et al., 2022). Embora ainda pouco recorrentes, a presença destas experiências no contexto atual parece ensejar a criação de espaços de resistência frente aos avanços do agronegócio e da silvicultura monocultora.

As ecovilas, embora se desenvolvam dentro do sistema capitalista, configuram alternativas de organização social e produtiva que rompem com a lógica hegemônica. Os discursos de transição promovidos por essas comunidades, ao contrário de uma revolução abrupta seguida da implementação de um novo modelo hegemônico, representam múltiplos projetos que criam mundos locais diversos e plurais. Afinal, o objetivo é eliminar qualquer hegemonia, isso implica certificar-se que cada comunidade mantenha sua autonomia, preservando as diferenças culturais, ecológicas e sociais.

Nesse sentido, podemos compreender essas comunidades enquanto espaços de experimentação de modos de vida os quais contribuem na transição para uma sociedade pós capitalista, fornecendo soluções novas e possíveis para os desafios ambientais atuais. Alinhadas a uma visão de mundo crítica, decolonial e orientada para a sustentabilidade e justiça social, essas iniciativas não apenas resistem aos sistemas vigentes como prefiguram um futuro possível mais sustentável e equitativo. (Fonseca, Irving, Nasri e Ferreira, 2022).

Todavia, a diversidade das experiências mapeadas parece tensionar as noções mais comumente adotadas de comunidades intencionais (Froehlich e Medeiros, 2023), ampliando o

⁵ David Holmgren (2011), um dos fundadores da permacultura, a define como um modelo organizacional fornecido pelo pensamento sistêmico e princípios de design para implementar e desenvolver ideias, habilidades e modos de viver que nos capacitem a passarmos de consumidores dependentes a pessoas produtivas e responsáveis pela nossa própria existência no mundo.

debate sobre a pertinência de se mobilizar outras nomenclaturas e noções, como a noção de assentamentos sustentáveis que, na definição da Rede Casa Brasil, seriam “aqueles que praticam e cultivam hábitos criativos de cuidado com os seres humanos e com a diversidade de formas de vida e entidades da natureza”. Essa noção busca referir-se às iniciativas voltadas para preservação ambiental que abarcam não apenas comunidades intencionais, comunidades alternativas e ecovilas, mas a existência de uma diversidade de espaços voltados para a sustentabilidade, como sítios de ecoturismo e estações de permacultura.

5. Considerações finais

O mapeamento de comunidades intencionais rurais voltadas à promoção da sustentabilidade, localizadas no estado do Rio Grande do Sul, identificou 16 experiências ativas. Embora ainda em pequeno número, essas experiências se apresentam bastante diversas e acionam valores anti-hegemônicos que as constituem como espaços de resistência e de criação de alternativas frente aos desafios socioambientais e climáticos contemporâneos. O objetivo do mapeamento foi destacar a diversidade dessas experiências, evidenciando como cada uma delas opera com sistemas de valores, estilos de vida e práticas distintas, mas que compartilham uma orientação anti-hegemônica comum, fundamentada no conceito de sustentabilidade.

Como indicado anteriormente, a ausência de projeção digital de algumas comunidades representa uma lacuna considerável no que tange à compreensão de seu funcionamento interno e aos valores que as orientam. Além disso, cabe ressaltar a possibilidade de existirem comunidades não identificadas em nossa pesquisa, em função de sua limitada visibilidade virtual, o que evidencia a urgência de se adotar metodologias complementares para mapear iniciativas que operam de forma mais reservada ou descentralizada.

Além disso, apesar de a autonomia local ser um princípio central no conceito de pluriverso de Escobar, destacamos que os conhecimentos locais também apresentam limitações e, muitas vezes, suas próprias formas de opressão. Em decorrência disso, estratégias para enfrentar problemas globais, como a crise climática, devem necessariamente considerar essas complexidades. Dessa forma, reconhecemos a limitação da análise, especialmente no que se refere às dinâmicas de poder, conflitos e contradições presentes nas ecovilas, uma limitação em grande parte resultante da metodologia adotada, que se baseou unicamente em fontes digitais. Nesse contexto, é crucial a adoção de abordagens de pesquisa combinadas, a fim de permitir um maior aprofundamento sobre o tema.

Contudo, o principal obstáculo encontrado durante o levantamento foi o caráter transitório e efêmero de muitas dessas comunidades, evidenciado pelos registros digitais escassos que sugerem que muitas iniciativas presentes em mapeamentos prévios e reportagens foram descontinuadas. Muitas comunidades deixam de existir por completo, enquanto outras abandonam o formato comunitário original, transformando-se em empreendimentos voltados exclusivamente para a hospedagem ecológica ou em centros de formação para cursos e práticas sustentáveis.

Nesse contexto, propor alternativas ao discurso do desenvolvimento econômico convencional pode ser um desafio complexo. As realidades locais são diversas e carregam contradições internas, além de apresentarem restrições significativas no âmbito da viabilidade econômica. Isso torna difícil a formulação de propostas que atendam a todas as necessidades e contextos específicos. A tentativa de importar modelos e soluções universais, por sua vez, tem gerado mais prejuízos do que benefícios, afetando tanto a diversidade social quanto a biológica, já que essas abordagens tendem a desconsiderar as particularidades locais e as dinâmicas próprias de cada território.

Por fim, cabe considerar o papel das comunidades intencionais e ecovilas na formulação de estratégias sustentáveis frente aos desafios climáticos e ambientais contemporâneos. O desenvolvimento de uma ação política eficaz para a consolidação dessas iniciativas deve considerar as especificidades e a diversidade presentes nas comunidades, o que evidencia a importância de um estudo sistemático das realidades socioculturais. Reafirmamos, assim, a necessidade de futuras pesquisas complementares, que possam oferecer insights mais profundos sobre essas alternativas de desenvolvimento e suas singularidades, levando em conta os distintos contextos nos quais elas emergem. As investigações orientadas pela noção de pluriverso reconhecem a importância da pluralidade e da interconexão das diversas formas de projetar e habitar o mundo, em busca de estilos de vida mais justos e sustentáveis.

5. Referências

AGRAWAL, A. *Environmentality: Technologies of government and the making of subjects*. Durham/Londres: Duke University Press, 2005.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRITTO, M. V. B. *Autonomía y diseño, de Arturo Escobar*. Laboratório Urbano, PPG-AU/UFBA, 2020.

CALZADILLA, P. V. The Sustainable Development Goals, climate crisis and sustained injustices. *Oñati Socio-Legal Series*, v.1, n.1, p. 285–314, 2024. Disponível em: <https://opo.iisj.net/index.php/osls/article/view/1219>. Acesso em: 4 out. 2024.

CELLARD, A. A análise documental. In: *A pesquisa qualitativa – enfoques epistemológicos e metodológicos*. POUPART, Jean et all. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto socioambiental, 2014.

D’ORNELAS, S. C. *Fugimos – Vida em comunidades alternativas e pelas estradas*. Trabalho de Conclusão de Graduação, Universidade Federal do Paraná, 2014.

ESCOBAR, A. *Postconstructivist Political Ecologies*. In: *International Handbook of Environmental Sociology*. 2ª ed. Cheltenham, UK: Elgar, 2010.

ESCOBAR, A. *Autonomía y diseño: la realización de lo comunal*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2016.

FERREIRA, M. H. *E o que seria Cosmopolítica? Sobre outros modos de fazer política*. *Revista Scientiarum Historia*, v. 1, n. 1, 2024.

FONSECA, R.; IRVING, M.; NASRI, Y.; FERREIRA G. Por outros modos de bem viver: o pluriverso de alternativas. *e-cadernos CES [Online]*, n.38, 2022.

FROEHLICH, J. M.; MEDEIROS, R. F. As pesquisas brasileiras sobre comunidades intencionais e ruralidades: notas exploratórias. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, São

José dos Pinhais, v.16, n.12, p. 31008-31026, 2023.

HOLZ, L. “À sua imagem e semelhança”: Arturo Escobar e a crítica ao desenvolvimento. *Composição, Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*, v. 3, n.26, p.44-56, 2022.

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, 1(42). 2018. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41884>. Acesso em: 4 fev. 2025.

RIPPLE, William, et al. The 2024 state of the climate report: Perilous times on planet Earth. *BioScience*, v. 74, n. 12, p. 812-824, dez. 2024.

SILVA, F. J. R. O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar. *Revista Pegada*, v.17, n.2, 2016.